

A Produção do Conhecimento Geográfico

2

Ingrid Aparecida Gomes
(Organizadora)



 **Atena**
Editora

Ano 2018

Ingrid Aparecida Gomes
(Organizadora)

A Produção do Conhecimento Geográfico 2

Atena Editora
2018

2018 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P964 A produção do conhecimento geográfico 2 [recurso eletrônico] /
Organizadora Ingrid Aparecida Gomes. – Ponta Grossa (PR):
Atena Editora, 2018. – (A Produção do Conhecimento
Geográfico; v. 2)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-85107-79-6

DOI 10.22533/at.ed.796181211

1. Ciências agrárias. 2. Percepção espacial. 3. Pesquisa agrária
– Brasil. I. Gomes, Ingrid Aparecida. II. Série.

CDD 630

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de
responsabilidade exclusiva dos autores.

2018

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A obra “*A Produção Do Conhecimento Geográfico*” aborda uma série de livros de publicação da Atena Editora, apresenta, em seus 22 capítulos, discussões de diversas abordagens da Geografia humana, com ênfase nos movimentos sociais.

A Geografia humana engloba, atualmente, alguns dos campos mais promissores em termos de pesquisas atuais. Esta ciência geográfica estuda as diversas relações existentes (sociais, gênero, econômicas e ambientais), no desenvolvimento cultural e social.

A percepção espacial possibilita a aquisição de conhecimentos e habilidades capazes de induzir mudanças de atitudes, resultando na construção de uma nova visão das relações do ser humano com o seu meio, e, portanto, gerando uma crescente demanda por profissionais atuantes nessas áreas.

A ideia moderna da Geografia humana, refere-se a um processo de mudança social geral, formulada no sentido positivo e natural, temporalmente progressivo e acumulativo, segue certas regras e etapas específicas e contínuas, de suposto caráter universal. Como se tem visto, a ideia não é só o termo descritivo de um processo, e sim um artefato mensurador e normalizador das sociedades, tais discussões não apenas mais fundadas em critérios de relação homem e meio, mas também são incluídos fatores como planejamento, gestão, inclusão, mobilidade.

Neste sentido, este volume dedicado a Geografia humana, apresenta artigos alinhados com a migração, imigração, movimentos sociais. A importância dos estudos geográficos dessa vertente, é notada no cerne da ciência geográfica, tendo em vista o volume de artigos publicados. Nota-se também uma preocupação dos geógrafos em desvendar a realidade dos espaços escolares.

Os organizadores da Atena Editora, agradecem especialmente os autores dos diversos capítulos apresentados, parabenizam a dedicação e esforço de cada um, os quais viabilizaram a construção dessa obra no viés da temática apresentada.

Por fim, desejamos que esta obra, fruto do esforço de muitos, seja seminal para todos que vierem a utilizá-la.

Ingrid Aparecida Gomes

SUMÁRIO

TERRITÓRIO E MOVIMENTOS SOCIAIS

CAPÍTULO 1	1
ATIVIDADES CRIATIVAS E DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL: MÚSICA, TERRITÓRIO E CRIATIVIDADE EM TATUÍ-SP	
<i>Gustavo da Silva Diniz</i> <i>Auro Aparecido Mendes</i>	
CAPÍTULO 2	11
ESCOLAS OCUPADAS: CIDADANIA, PODER E TERRITÓRIO	
<i>Rafael Sá Rego de Azevedo</i>	
CAPÍTULO 3	43
ESTRATÉGIAS DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL: ARRANJOS PRODUTIVOS LOCAIS OU SISTEMAS TERRITORIAIS DE PRODUÇÃO?	
<i>Mariano de Matos Macedo</i> <i>Wilhelm Milward Meiners</i>	
CAPÍTULO 4	53
GANGUE E TERRITORIALIDADES: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO DE PROCESSOS SOCIAIS E ESPAÇOS ENVOLVIDOS NA AÇÃO DE GANGUE EM MINAS GERAIS	
<i>Antônio Hot Pereira de Faria</i> <i>Diego Filipe Cordeiro Alves</i> <i>Alexandre Magno Alves Diniz</i> <i>Tomás Hilário Cardoso Ferreira</i>	
CAPÍTULO 5	68
O DESCOROAMENTO DA PRINCESA DO SERTÃO: DE “CHÃO” A TERRITÓRIO, O “VAZIO” NO PROCESSO DA VALORIZAÇÃO DO ESPAÇO	
<i>Nacelice Barbosa Freitas</i>	
CAPÍTULO 6	79
TERRITÓRIO E SAÚDE: REFLETINDO A REALIDADE AMAZÔNICA	
<i>Layla de Cassia Bezerra Bagata Menezes</i> <i>Edna Ferreira Coelho Galvão</i>	
CAPÍTULO 7	89
A IMIGRAÇÃO BOLIVIANA NO BRASIL: UM OLHAR ALÉM DE SÃO PAULO	
<i>Romerito Valeriano da Silva</i> <i>Daniela Martins Cunha</i>	
CAPÍTULO 8	101
MIGRAÇÃO E CONSTRUÇÃO DE TERRITÓRIO: OS DESCENDENTES DE POLONESES E UCRANIANOS NA ZONA DA MATA RONDONIENSE	
<i>Jania Maria de Paula</i>	

CAPÍTULO 9	110
REDES DA MIGRAÇÃO HAITIANA NO MATO GROSSO DO SUL	
<i>Alex Dias de Jesus</i>	
CAPÍTULO 10	120
TRABALHO E MIGRAÇÃO: ANÁLISES SOBRE A POPULAÇÃO OCUPADA NO SETOR CALÇADISTA DO MUNICÍPIO DE NOVA SERRANA-MG	
<i>Luís Henrique Silva Ferreira</i>	
<i>Andressa Virgínia de Faria</i>	
<i>André Francisco de Brito Leite</i>	
CAPÍTULO 11	136
A TEORIZAÇÃO DOS TERRITÓRIOS DA CERVEJA NO BRASIL: A MATRIZ METODOLÓGICA COMO INSTRUMENTO PARA IDENTIFICAÇÃO DAS ÁREAS DE MAIOR PRODUÇÃO CERVEJEIRA NO BRASIL	
<i>Eduardo Fernandes Marcusso</i>	
CAPÍTULO 12	147
EFEITOS DO PROGRAMA BOLSA FAMÍLIA E ESTRATÉGIA SAÚDE DA FAMÍLIA SOBRE A MORTALIDADE INFANTIL NO SEMIÁRIDO BRASILEIRO PARA DADOS EM PAINEL	
<i>Everlane Suane de Araújo da Silva</i>	
<i>Neir Antunes Paes</i>	
CAPÍTULO 13	157
GEOGRAFIA E ARTE: REPRESENTAÇÕES EM ALGUMAS PAISAGENS CABRALINAS	
<i>José Elías Pinheiro Neto</i>	
<i>Lara Ferraz Rocha Pacheco</i>	
CAPÍTULO 14	167
GESTÃO DE SEGURANÇA PÚBLICA EM FRONTEIRA COMO PROGRAMA DE ESTADO E A INTERDEPENDÊNCIA DE ATORES	
<i>Sergio Flores de Campos</i>	
CAPÍTULO 15	179
MEMÓRIA, CULTURA E RESILIÊNCIA NA COMPREENSÃO DA PAISAGEM DO PAMPA: CONTRIBUIÇÃO PARA UMA GEOGRAFIA INTEGRADORA	
<i>Adriano Severo Figueiró</i>	
CAPÍTULO 16	195
PATRIMÔNIO MUNDIAL DA UNESCO NO BRASIL: O CASO DAS ILHAS OCEÂNICAS DE FERNANDO DE NORONHA E ATOL DAS ROCAS	
<i>Vanda de Claudino-Sales</i>	
CAPÍTULO 17	206
UMA VIAGEM PELAS TERRAS DO SEM FIM EM BUSCA DA GEOGRAFICIDADE DA OBRA DE JORGE AMADO	
<i>Rita de Cássia Evangelista dos Santos</i>	

CAPÍTULO 18	216
PARENTALIDADES JOVENS, INVISÍVEIS E EXCLUÍDAS NO CENÁRIO DO “PRISON BOOM” BRASILEIRO: CARACTERÍSTICAS SÓCIO-DEMOGRÁFICAS DA POPULAÇÃO DE PAIS E MÃES ENCARCERADOS NA REGIÃO METROPOLITANA DE BELO HORIZONTE, BRASIL – 2014	
<i>Rafael Andrés Urrego Posada</i>	
<i>Maria Carolina Tomás</i>	
<i>Dimitri Fazito de Almeida Rezende</i>	
CAPÍTULO 19	230
ENSAIO SOBRE A ARCHÉ GEOGRÁFICA SOTEROPOLITANA	
<i>Daniel de Albuquerque Ribeiro</i>	
CAPÍTULO 20	240
NO MOVIMENTOS DAS REDES, NAS REDES DE MOVIMENTOS E OS MOVIMENTOS NAS REDES: UMA BREVE REFLEXÃO SOBRE OS MOVIMENTOS SOCIOESPACIAIS E MOVIMENTOS SOCIOTERRITORIAIS CAMPONESES E URBANOS NO BRASIL E NA ARGENTINA	
<i>José Sobreiro Filho</i>	
CAPÍTULO 21	251
O LEGADO DOS MILAGRES DE SANTA PAULINA: A INTERRELAÇÃO E CONEXÃO RELIGIOSA DOS MUNICÍPIOS CATARINENSES DE NOVA TRENTO E IMBITUBA CONSTRUINDO UM OLHAR PELA FENOMENOLOGIA	
<i>Natália Carolina de Oliveira Vaz</i>	
<i>Sylvio Fausto Gil Filho</i>	
CAPÍTULO 22	262
O SOM DA VIOLA “INVOCANO” UM SENTIMENTO TOPOFÍLICO CAIPIRA	
<i>Denis Rilk Malaquias</i>	
SOBRE A ORGANIZADORA	273

O SOM DA VIOLA “INVOCANO” UM SENTIMENTO TOPOFÍLICO CAIPIRA

Denis Rilk Malaquias

Universidade Federal de Goiás, IESA
Goiânia – Goiás

RESUMO: É habitual alguém ouvir o som de uma viola ponteando e sua imaginação se remeter instantaneamente a imagens do campo em sua mente, especialmente para aqueles que tiverem alguma vivência rural. E, não por acaso, o lugar vivenciado pelo caipira sempre foi memorado com certo afeto nas suas canções. Para tentarmos entender esse apreço do cancionista caipira pelo seu sertão, utilizaremos ferramentas baseadas numa perspectiva geográfica para analisar essa afeição do caipira pelo seu lugar, esse sentimento é denominado por Tuan (1980) como topofilia. Mesmo entre aqueles personagens urbanos que de uma forma ou de outra se encantaram com o som da viola e tomaram o instrumento como bandeira, o sentimento topofílico caipira desses violeiros pode ser percebido na vida e obra dos mesmos, nas variadas narrativas acompanhadas ao som da viola.

PALAVRAS-CHAVE: Música Caipira; Viola Caipira; Sentimento Topofílico.

ABSTRACT: It is customary for someone to hear the sound of a brazilian ten guitar playing and his imagination instantly relate to the field

in his mind, especially for those who have some rural experience. And, not by chance, the place experienced by the caipira was always remembered with a certain affection in his songs. In order to try to understand this appreciation of the caipira cancionista by its backlands, we will use tools based on a geographic perspective to analyze this affection of the caipira by its place, that feeling is denominated by Tuan (1980) like topophilia. Even among those urban characters who, in one way or another, were enchanted by the sound of the brazilian ten guitar and took the instrument as a flag, the feeling of these violeiros can be perceived in their life and work, in the varied narratives accompanied to the sound of the brazilian ten guitar.

KEYWORDS: Caipira Music; Brazilian Ten Guitar; Topophilic Sentiment.

1 | INTRODUÇÃO

Não é incomum entre alguns grupos sociais, até mesmo em meio aqueles de áreas que possuem certa dificuldade de sobrevivência, os indivíduos residentes adquirirem certa afeição pelo lugar da sua naturalidade e ou convivência, moradia e etc. No âmbito caipira, essa afeição é explicitamente declarada, sejam nas suas obras, exposições verbais, manifestações artísticas, festas e tradições folclóricas onde a

temática do seu lugar é venerada. Enfim, as manifestações culturais do caipira, de uma forma ou de outra, generalizadamente, sempre acaba apontando para algum apreço para com o seu lugar vivenciado e todas as práticas desse contexto. Na sua música, não podia ser diferente. Segundo Pimentel (1997, p. 209):

Os elementos principais de que se constitui o imaginário da música caipira estão relacionados a um *lugar* determinado, como a cena principal em que se desenvolve toda a ação. [...] Desse modo, a vida social do caipira está centrada sobre a família e sobre o lugar em que fixa residência. Em torno desse núcleo é que vão sendo apresentados os demais elementos que, em conjunto, constituirão o imaginário do [...] caipira: o terreiro da casa com seus pequenos animais e aves, o monjolo, a biquinha, o rego d'água, o cavalo selado para as pequenas viagens ali mesmo nas redondezas do seu bairro rural, a igrejinha e seu sino, a viola, a catira, a folia de reis [...].

São várias as temáticas de composições na música caipira que aludem a esse elo afetivo com o lugar. Em muitos dos casos algo é usado para representar simbolicamente o referencial do lugar. Algo que vem à tona quando se lembra do lugar, que tem uma importância pra sua vida, por ter ocorrido algum fato importante da sua vida frente aquele “objeto” e que o faz refletir, sentir saudades, algo que faz aflorar a paixão desse caipira por algum lugar, pelo seu modo de vida presente ou abandonado por força maior. Talvez a canção caipira que melhor representa e enfatiza o apreço do caipira pelo seu lugar, e com versos que ficaram impregnados na mente do povo, seja a canção *Saudade da Minha Terra* composta por Goiá.

De que me adianta viver na cidade
Se a felicidade não me acompanhar
Adeus, paulistinha do meu coração
Lá pro meu sertão, eu quero voltar
Ver a madrugada, quando a passarada
Fazendo alvorada, começa a cantar
Com satisfação, arreio o burrão
Cortando estradão, saio a galopar
E vou escutando o gado berrando
Sabiá cantando no jequitibá

O personagem narrado na letra dessa música é o próprio compositor, Gerson Coutinho da Silva, o Goiá. Nascido em Coromandel - MG, ainda jovem mudou-se de sua terra natal para Goiânia para tentar investir na sua carreira artística. Goiá sempre foi ligado afetivamente na sua terra natal, mas, foi quando partiu para São Paulo em busca de melhores oportunidades para carreira artística que o sentimento de saudade do seu lugar foi agravado. Goiá sempre escrevia para sua mãe, a que inclusive seria a personagem correspondente descrita nos versos da canção. A mãe acompanhava a

carreira do filho e sempre atenta às suas aparições no rádio.

Os dois primeiros versos da canção talvez sejam os mais presentes na memória dos fãs: o *dia qualquer* de 1953 em que Goiá foi à busca do sonho: *ser um artista*. O apoio materno e sua determinação de enfrentar o sofrimento que era saber que sua mãe chorava quando ouvia cantar nos programas de rádio são um ponto comum na lembrança de quem cultua a memória do artista. A saudade da mãe foi tema de outros sucessos: *Meu natal, sem mamãe* e *Saudade da minha terra (Tô aqui cantando, de longe escutando, / alguém está chorando com o rádio ligado)* (BRITO, 2009, p. 33-34).

Poderíamos até pensar que é um tipo de sentimento presente em outros tempos e fases da música caipira, que no mundo contemporâneo esse elo afetivo do caipira com o lugar estaria defasado e as canções não expressariam esse tipo de sentimento. Contudo, apesar das gravações modernas do chamado sertanejo serem mais focadas no consumo em massa, no comércio, do que a música caipira raiz, até nesse segmento, e na atualidade podemos notar músicas que retratam essa temática. Como é o caso da canção *Deus e Eu no Sertão* composição de Victor Chaves e lançada em 2009 pela dupla Victor & Leo como trilha sonora para a novela Paraíso. Os primeiros versos da canção, “Nunca vi ninguém viver tão feliz / Como eu no sertão”, além de representar bem o elo afetivo com o lugar, o sertão, a música ficou impregnada na mente dos brasileiros e foi o “sucesso” da dupla na ocasião.

2 | TOPOFILIA: CONSIDERAÇÕES SOBRE O TEMA

Antes de aprofundarmos no assunto, e tentarmos entender esse apreço do cancionista caipira pelo seu sertão, utilizaremos ferramentas baseadas numa perspectiva geográfica para essa análise sobre o que pode ser entendido nessa afeição pelo lugar. Vale ressaltar que desde cedo, a palavra “sertão” foi usada pelos compositores de música caipira como apenas mais uma forma de referir-se ao que estava fora da cidade (PIMENTEL, 1997, p. 219). Como ponto de partida tomaremos a consideração de Castrogiovanni (2007, p. 41), onde o mesmo alega que:

O estudo do espaço geográfico deve considerar as noções e os conceitos, já construídos, que envolvam a espacialidade e valorizar a formação da consciência territorial - o sentimento de pertencer ao lugar, tão comumente adormecido em países como o Brasil. Deve interpretar as territorialidades dentro da complexidade e conhecer não apenas os elementos objetivos que compõem o espaço, mas valorizar as subjetividades e tentar entendê-las.

Em se tratando de afeição pelo “lugar”, um conceito que tem sido discutido em trabalhos, especialmente geográficos, – grande parte desses abordam questões culturais – e que naturalmente vem à tona como essencial para esse tipo de análise, é o conceito de topofilia. “Em português diríamos topofilia, resultado da contração da palavra grega *topos* que exprime o lugar, e filia do grego *phílos* que indica noções de afeição, gosto ou amizade” (BORGES, 2013, p.105). Segundo Tuan (1980, p. 107):

A palavra “topofilia” é um neologismo, útil quando pode ser definida em sentido

amplo, incluindo todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material. Estes diferem profundamente em intensidade, sutileza e modo de expressão. A resposta ao meio ambiente pode ser basicamente estética: em seguida, pode variar do efêmero, prazer que se tem de uma vista, até a sensação de beleza, igualmente fugaz, mas muito mais intensa, que é subitamente revelada. A resposta pode ser tátil: o deleite ao sentir o ar, água, terra. Mais permanentes e mais difíceis de expressar, são os sentimentos que temos para com um lugar, por ser o lar, o *locus* de reminiscências e o meio de se ganhar a vida.

O pioneiro na utilização do termo foi o filósofo e poeta francês Gaston Bachelard no livro *La poétique de l'espace* em 1957. Esse trabalho que serviu de referência para vários outros autores, inclusive o geógrafo Yi-Fu Tuan, que hoje é uma grande referência no tema. Bachelard (2008, p.19) apresenta o termo já no prólogo de seu livro e elucida:

Nosso campo de exame tem a vantagem de ser bem delimitado. Isso porque pretendemos examinar imagens bem simples, as imagens do *espaço feliz*. Nessa perspectiva, nossas investigações mereceriam o nome de *topofilia*. Visam determinar o valor humano dos espaços de posse, dos espaços defendidos contra forças adversas, dos espaços amados. Por razões não raro muito diversas e com as diferenças que as nuances poéticas comportam, são espaços *louvados*. [...] É um espaço vivido. E vivido não em sua positividade, mas com todas as parcialidades da imaginação. Em especial, quase sempre ele atrai. (BACHELARD, 2008, p. 19)

O singular é que esse tipo de espaço percebido pela imaginação do qual refere Bachelard nesse trecho, se assemelha muito com os das narrativas das canções caipiras. Nem sempre é algo mensurável e ou “palpável”, relatam do vivido, do experienciado, do real reminescente de alguma ocasião da vida dos protagonistas das narrativas dessas canções. Mas que também pode ocorrer de fazer uma alusão a elementos presentes no contexto de um espaço imaginário idealizado. Contudo, mesmo se tratando de uma contextura fictícia de uma canção, é possível perceber nessas, ênfase a elementos do ambiente que evidenciam a afeição pelo lugar. Tuan dialoga com esse autor quando aponta que

Certos ambientes naturais têm figurado de maneira proeminente nos sonhos da humanidade de um mundo ideal: a floresta, a praia, o vale e a ilha. A construção do mundo ideal é uma questão de remover os defeitos do mundo real. A geografia fornece necessariamente o conteúdo do sentimento topofílico. Os paraísos têm uma certa semelhança familiar porque os excessos da geografia (muito quente ou muito frio, muito úmido ou muito seco) são removidos. Em todos eles abundam as plantas e animais úteis e amigos do homem. Os paraísos também diferem em suas respectivas excelências: alguns são abundantes, outros são florestas mágicas, ilhas perfumadas ou montanhas (TUAN, 1980, p. 286).

Esse modelo de paraíso descrito por Tuan, e se considerarmos também os expostos de Bachelard, notaremos que o que ele desencadeia na imaginação e emoção não pode ser medido, mas é um espaço que atrai por conta de suas particularidades. Incita um sentimento onde tudo ali é na medida e organizado dentro desse espaço específico. Isso pode ser notado nos versos da canção *Jeitão de Caboclo* composta por Valdemar Reis e Liu. Esse ambiente do qual o narrador faz uma retrospectiva nostálgica, é de uma completude singular. Acrescendo ou retirando algo,

desarmonizaria esse ciclo perfeito de eventos no cotidiano do paraíso. As águas do ribeirão além de cristalinas e marcantes, também têm seu proveito no trabalho diário de beneficiamento de alimentos. A fauna do lugar é marcante, e os seus integrantes até parecem interagirem de forma orquestrada, onde cada naipe de animais tem um lugar definido no palco, e seria esse sítio/paraíso esse palco. Elementos da flora também podem ser marcantes, uma simples planta pode fazer o indivíduo reascender o lugar na sua memória. Algo corriqueiro como sentir o cheiro de uma flor pode remeter suas lembranças ao lugar, reascendendo o sentimento de apego.

Se eu pudesse voltar, ao meu tempo de criança.

Reviver a juventude, com muita perseverança

Morar de novo no sítio, na casa de alvenaria.

Ver passarinhos cantando, quando vem rompendo o dia.

Eu voltaria rever, o pé de manjericão.

A corroira cantando, lá no oco do mourão.

Os bezerras no piquete, e as nossas vacas leiteiras.

E papai tirando leite, bem cedinho na mangueira.

Eu voltaria rever, o ribeirão taquari.

Com suas águas bem claras, onde pesquei lambari.

O velho carro de boi, o monjolo e a moenda.

As vacas Maria preta, a tirolesa e a prenda.

Na varanda taboa grande cheia de queijo curado.

E mamãe assando pão, no forno de lenha ao lado.

Nossa reserva de mato, linda floresta fechada.

A trilha funda do gado, retaliando a invernada.

Iria rever o sol, com seus raios fluorescentes.

Escondendo atrás da serra, levando o dia da gente.

O pé de dama da noite, junto ao mastro de são João.

Que até hoje perfuma, a minha imaginação.

O caso é que eu não posso fazer o tempo voltar.

Sou um carro sem chumaço, que já não pode cantar.

Vou vivendo na cidade, perdendo as forças aos poucos.

Mais não consigo perder, o meu jeitão de caboclo.

Todo um espaço-tempo não mais existente é rememorado na letra da canção: afazeres, festas, construções, utensílios, animais. O cancionista caipira, apesar de possuir canções com narrativas de eventos tristes e ou trágicos, lamúria por um desamor e etc. em sua maioria, quando faz menção a reminiscências de um lugar vivido, tende a expor uma visão mais positiva do mesmo, dando ênfase a elementos que, sem um olhar poético, talvez não se desse tamanha importância.

Este quadro talvez possa explicar o fato desse tipo de temática ter maior ênfase e presença nas canções caipiras que tiveram maior predomínio antes da década de 1970. Este é o período em que o país se urbaniza, em que Rio de Janeiro e São Paulo e outras cidades se tornam metrópoles, em que Brasília é construída e cresce num movimento que se confronta mais ainda com o interior do país. Antes do chamado “sertanejo romântico” invadir de forma massiva no espaço que antes prevalecia o caipira, e, ainda extrapolar esse espaço conquistando um novo público, agora, talvez um pouco mais ligada a ambientes mais urbanizados. Práticas culturais em que outrora com o caipira tinha maior ligação com o cotidiano do campo, agora mudariam a temática e estaria lamentando nos bares os desamores ocorridos nas periferias da cidade com o novo sertanejo. “As imagens mudam à medida que as pessoas adquirem novos interesses e poder” (TUAN, 1980, p.137).

Em relação ao conceito de “lugar”, se levarmos em consideração as ponderações de Tuan, poderíamos entender o mesmo como um “recinto” provedor, dotado de funcionalidades. “Os lugares são centros aos quais atribuímos valor e onde são satisfeitas as necessidades biológicas de comida, água, descanso e procriação (TUAN, 2013, p. 12)”. Todas essas “provisões” são notadamente encontradas pelo caipira em seu recinto de vivência, especialmente aquele que ainda reside no campo e retira do pedaço de terra elementos essenciais para subsistência como água (usada para o plantio, criação de gado e consumo próprio) e alimentos obtidos através do plantio e colheita e a criação de animais. “O lugar é um mundo de significado organizado. É essencialmente um conceito estático. Se víssemos o mundo como um processo, em constante mudança, não seríamos capazes de desenvolver nenhum sentido de lugar” (Ibidem, p. 219). Justificando a aplicabilidade para análise dessas relações de lugar no contexto musical, podemos citar Dozena (2016, p. 377), onde o mesmo alega que:

Musicalidade pode ser trazida ancestralmente pelas coletividades, atendendo não somente às vontades de reprodução material e às necessidades de sobrevivência, mas também expressando muitas especificidades culturais que efetivamente mobilizam e animam os agrupamentos sociais [...]. As músicas contribuem para a criação de uma ligação emotiva e humana com os lugares, além de demarcarem corporeidades, territorialidades e relações socioespaciais; sendo produzidas a partir de estímulos colocados pelos lugares e por isso mesmo evidenciando o sentido desses lugares.

Parece existir também certa subjetividade na ideia de lugar, os valores, que nesse caso seriam simbólicos, possuem representações diferentes, na medida em que é vivenciado por indivíduos de diferentes formas. Através da experiência com o

lugar, cada indivíduo interage com as funcionalidades que lhe são mais convenientes. Essas diferentes interações produzem diferentes acepções de valores em relação ao lugar, estes que nem sempre são possíveis de ter descrições concretas. Essa noção de valor do lugar também tende a se manifestar quando há uma ameaça a algum tipo de “patrimônio” existente no local.

3 | OS NEOVIOLEIROS E A AFEIÇÃO PELO TERRITÓRIO CAIPIRA

É habitual alguém ouvir o som da viola ponteando e sua imaginação se remeter instantaneamente a imagens do campo em sua mente, especialmente para aqueles que tiverem alguma vivência rural. O mesmo pode acontecer com quem tem o conhecimento da cultura caipira e da identidade sonora que esse instrumento enfatiza, pois, apesar dele estar presente em outras culturas, ligar o som da viola ao contexto caipira não é algo inusitado. Assim como o elo afetivo do caipira com seu pedaço de terra ou ambiente de convívio e vivência no campo. O que podemos designar aqui baseado nas reflexões de Tuan (1980) de sentimento topofílico caipira. Esse sentimento, no âmbito da música caipira, não é algo exclusivo somente das letras de canções. Em declarações pessoais de artistas caipiras, sobretudo violeiros, fica bastante evidenciado também um entusiasmo pela área geográfica onde predomina sua cultura.

O violeiro Almir Sater, além de cantor e compositor é um exímio instrumentista, e tem sido inspirações pra inúmeros violeiros. A afeição de Sater pelo campo e seu lugar é vastamente declarada e difundida nos meios de comunicação. Não havendo necessidade então, nesse caso, fazer esse tipo de análise baseado nas letras de suas canções. Sater, que nasceu em Campo Grande – MS, em 14 de novembro de 1956, quando ali ainda era estado do Mato Grosso, declara constantemente sua paixão pelo seu lugar, mais especificamente pelo Pantanal.

Eu conheço o Pantanal desde menino, sempre tive essa ligação muito forte com a natureza, sempre gostei de mato. Desde menino sempre quis morar em fazenda. Meu pai nunca gostou muito de mato, ele era ligado à bossa nova, barzinho, banquinho e violão e eu gostava de escutar moda de viola e ir para o meio do mato. [...] Eu conheci o Pantanal quando eu tinha mais ou menos 9 anos de idade, me apaixonei e sempre pensei em morar naquela região. Quando pude comprei meu pedaço de terra no Pantanal e fiz minha casa lá (SATER, 2010, p.06).

Em 1977, principiam no universo violeirístico, dois rapazes que se tornariam adiante dois grandes nomes da música de viola, Paulo Freire e Roberto Corrêa. Freire, natural de São Paulo - SP, antes violonista erudito. Mas, após ler *Grande Sertão: Veredas* foi contagiado pela “magia” enaltecida do sertão presente nos textos de Guimarães Rosa. A partir daí, Paulo Freire resolveu abandonar tudo, inclusive o curso de Jornalismo qual cursara a época, para estudar viola e conhecer de perto esse sertão. Lá, durante o dia, tinha a lida nos campos com seus mentores e a noite tinha as instruções de viola com eles. Morava e vivenciava em tempo integral com os mesmos

a sua cultura. Segundo Tuan (2013, p. 225):

Um homem pode se apaixonar à primeira vista por um lugar como também por uma mulher. [...] Uma experiência breve, mas intensa é capaz de anular o passado, de modo que estamos dispostos a abandonar o lar pela terra prometida. Ainda mais curioso é o fato de que as pessoas podem desenvolver uma paixão por um tipo de meio ambiente sem terem tido contato direto com ele.

Assim como outros violeiros que trabalham com músicas instrumentais, e que, apesar de não ter narrativas em letras de canções devido ao formato composicional de suas obras, essas declarações podem ser observadas em entrevistas, livros e etc. Roberto Corrêa, nascido em Campina Verde – MG, tem sua trajetória musical iniciada ao mudar para Brasília. Roberto Corrêa desenvolveu um grande afeto por essa cidade, tanto que se sente às vezes até meio desnortado quando fica certo tempo distante do seu ambiente de convívio. Relata:

Em 1987, resolvi tirar férias: fui passar 15 dias numa pousada no litoral do Nordeste. Como não levei viola, comecei a escrever poesia (não fazia letra de música até então). Mas não aguentei. Depois de nove dias, voltei, louco de vontade de caminhar na água mineral. Foi muita felicidade ao chegar lá. Pensei: esse aqui é o meu lugar, essa é a minha região (CORRÊA apud SÁ, 2006, p. 77-78).

Dentre esses escritos produzidos por Roberto Corrêa nessa ocasião, podemos destacar o poema *Pacto*, que foi incluído no disco *Temperança*, recitado acompanhado ao som da viola. Nos versos do mesmo fica bastante evidenciado o afeto e o sentimento de pertencimento ao seu território de convívio:

Encerrado que eu era
No errado do existir
Livre, livre me tornei
Cerrado, cerrado meu
Quando em ti me transformei
O meu corpo é o teu chão
Tuas pedras, tuas águas
E Minh' alma teus caminhos
Tua fauna, tua flora
Em ti minha vida está
Cerrado, cerrado meu
E em mim teu encanto mora
Eu, cerrado encordado
Renascido e libertado
Pleno, vasto enfim, vivo agora.

Usaremos como ponto de partida para essa análise a afirmação de Taubkin (2008, p. 21), onde a mesma alega que “é difícil desvincular o instrumento do tocador, assim como separar sua música do universo onde ele vive. E que talvez por isso a gente sinta que a viola tem o dom particular de exprimir os sons do homem junto à natureza”. Embasando nisso, analisaremos a relação desses dois violeiros com o espaço de referência onde seus trabalhos e obras se desenvolvem, e ainda a ligação pessoal e afetiva dos mesmos com esses lugares.

Apesar de tanto Paulo Freire e Roberto Corrêa não terem suas naturalidades em Urucuia – MG e em Brasília – DF, respectivamente, ambos criaram um laço afetivo com esses lugares através da vivência e experientiação nos mesmos. Nos breves relatos desses violeiros aqui expostos, ficou bastante evidenciado um sentimento topofílico. Paulo Freire, uma vez que abandonou o curso de Jornalismo após ler e se encantar pelos “sertões” de Guimarães Rosa, deixou a entender que nesse momento se identificara com o mesmo. É bem visível que nessa ocasião houve um sentimento de pertencimento a cultura caipira da sua parte. Mesmo distante desse contexto sociocultural, resolveu abandonar tudo para vivenciá-lo. “Viveu rituais, crenças, lendas e festas que giram em torno do instrumento” (NEPOMUCENO, 1999, p. 38). Brota aí também um intenso sentimento de pertencimento a esse “sertão”, o qual fez com que deixasse tudo que havia vivido antes para ir conhecer e viver o “sertão” com qual tanto se identificara. Conforme Gómez (2001, p. 20-21) “relação de pertencimento ou apropriação não se refere somente a vínculos de propriedade, mas aqueles laços subjetivos de identidade e afeto existentes entre o sujeito e seu território”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O sentimento topofílico desses violeiros pode ser percebido na forma de vida dos mesmos, nos seus escritos, pois além da música, possuem trabalhos literários, poesias, causos e outras narrativas acompanhadas ao som da viola, além de relatos em entrevistas. Quando Paulo Freire declara que “é só ler Guimarães Rosa que dá vontade de ir pra Urucuia” (TAUBKIN, 2008, p. 78), dá ainda mais ênfase a esse sentimento topofílico, o seu afeto pelo lugar. Já com Roberto Corrêa, além do sentimento topofílico que ficou evidenciado em sua narrativa, uma vez que chega a enfatizar que seu território vive através da sua música, da sua viola, quando descreve em seu poema: Eu, / Cerrado encordado / Renascido e libertado / Pleno, vasto enfim / Vivo agora. Ficou evidenciado também em seu relato, um sentimento negativo a outro território com características distintas do seu. Sentimento esse que alguns autores denominam de topofobia. Segundo Relph (apud CIRQUEIRA, p. 40) definição de Topofobia está diretamente ligada a uma oposição ao conceito de topofilia, como “experiências de espaços, lugares e paisagens que são de algum modo desagradáveis ou induzem ansiedade e depressão”.

Considerando que, topofilia, se dá em relação ao ambiente e também ao lugar, no

caso dos violeiros neocaipiras, o afeto pode ocorrer pelo lugar de nascimento e ou de vivência, e, ainda em relação àqueles ligados ao meio urbano, mais especificamente das regiões metropolitanas, que se identificaram com esses lugares e ou ambientes mais rurais em algum momento de sua trajetória de vida, em ambos os casos, essa afeição pelo lugar dos violeiros em questão não ultrapassa os limites de uma área geografia específica, ou seja, mais especificamente, é manifestado em relação a uma propriedade rural, pequenas cidades, a uma paisagem de uma bioma específico – como é o caso de Roberto Corrêa em relação ao cerrado do planalto central, de Paulo Freire com os Sertões de Urucuia, e Almir Sater pelo pantanal sul-mato-grossense – que tende a não ultrapassar os limites do centro-sul do Brasil, com mais ênfase nas regiões interioranas.

REFERÊNCIAS

- BACHELARD, G. (1957). **A poética do espaço**. Tradução de Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2008. 2. ed. 242p.
- BORGES, T. **Topofilia**. Joelho: Revista de Cultura Arquitetônica. Nº 04 (2013).
- BRITO, D. S. **Negociações de um Sedutor: trajetória e obra do compositor Goiás no meio artístico sertanejo (1954-1981)**. 2009. 175f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Uberlândia. 2009.
- CASTROGIOVANNI, A. C. **Para entender a necessidade de práticas prazerosas no ensino de Geografia na pós-modernidade**. In: _ REGO, Nelson; CASTROGIOVANNI, A. C; KAERCHER, N. A. (Org.) **Geografia: práticas pedagógicas para o ensino médio**. Porto Alegre: Artmed, 2007, p. 35-48.
- CIRQUEIRA, Diogo Marçal. **Entre o corpo e a teoria: a questão étnico-racial na obra e trajetória socioespacial de Milton Santos**. 2010.161 f. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Estudos Socioambientais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia. 2010.
- DOZENA, A. **O Papel da Corporeidade na Mediação entre a Música e o Território**. In: DOZENA, A. (Org.). **Geografia e Música: Diálogos**. 1. Ed. NATAL: EDUFRN, 2016. 399p.
- GÓMEZ, G. M. **Razón y pasión del espacio y el territorio**. In: _____. Et. Al. (Orgs.) **Espacio y territorios: Razón, pasión y imaginarios**. Bogotá: Unobiblos, 2001. P, 15-32.
- NEPOMUCENO, R. **Música caipira: da roça ao rodeio**. São Paulo: Editora 34, 1999.
- PIMENTEL, S. V. **O chão é o limite: a festa de peão boiadeiro e a domesticação do sertão**. Goiânia: Editora da UFG, 1997. 308p.
- SÁ, S. de. **Roberto Corrêa: caipira extremoso**. Brasília: Ed. do Autor, 2006. 120p.
- SATER, A. **Almir Sater cidadão do mato**. [Editorial]. Revista Viverde Natureza, Edição 16, Ano 4, jun./jul., 2010.
- TAUBKIN, Myriam. **Violeiros do Brasil**. São Paulo: Ed. Myriam Taubkin, 2008.
- TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. Londrina: EdUEL, 2013.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente.** São Paulo: Difel, 1980.

SOBRE A ORGANIZADORA

INGRID APARECIDA GOMES Bacharel em Geografia pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (2008), Mestre em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação Mestrado em Gestão do Território da Universidade Estadual de Ponta Grossa (2011). Atualmente é Doutoranda em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Foi professora colaborada na UEPG, lecionando para os cursos de Geografia, Engenharia Civil, Agronomia, Biologia e Química Tecnológica. Também atuou como docente no Centro de Ensino Superior dos Campos Gerais (CESCAGE), lecionando para os cursos de Engenharia Civil e Arquitetura e Urbanismo. Participou de projetos de pesquisas nestas duas instituições e orientou diversos trabalhos de conclusão de curso. Possui experiência na área de Geociências com ênfase em Geoprocessamento, Geotecnologia, Geologia, Topografia e Hidrologia.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-85107-79-6

